

editorial

Éramos una visión, con el pecho de atleta, las manos de petimetre y la frente de niño. Éramos una máscara, con los calzones de Inglaterra, el chaleco parisiense, el chaquetón de Norteamérica y la montera de España. El indio, mudo, nos daba vueltas alrededor, y se iba al monte, a la cumbre del monte, a bautizar a sus hijos. El negro, oteado, cantaba en la noche la música de su corazón, solo y desconocido, entre la olas y las fieras. El campesino, el creador, se revolvía, ciego de indignación, contra la ciudad desdeñosa, contra su criatura. Éramos charreteras y togas, en países que venían al mundo con la alpargata en los pies y la vincha en la cabeza. El genio hubiera estado en hermanar, con la caridad del corazón y con el atrevimiento de los fundadores, la vincha y la toga; en desestancar al indio; en ir haciendo lado al negro suficiente; en ajustar la libertad al cuerpo de los que se alzaron y vencieron por ella.

(<http://www.analitica.com/Bitblio/jmarti/nuestra_america.asp>.)

Pensar uma Revista *Aletria* dedicada ao Hispanismo é uma empreitada que atrai, mas que apresenta uma série de dificuldades. A primeira de todas tem a ver com se é legítimo, em nosso mundo tecnológico e virtual, por um lado, e injusto e excludente, por outro, manter uma divisão de águas nascida da ação imperialista, hoje distante no tempo, da Coroa Espanhola. Refirimo-nos ao ato de definir como tópico da Revista o Hispanismo e não a América Latina, países periféricos, *Nuestra América* etc. A resposta nos parece que já pode ser lida em José Martí e continua a ser construída até hoje. É possível constatar uma tradição de pensadores, que, partindo da literatura, das artes e das culturas nascidas no mundo hispânico, extrapola essa fronteira e constrói laços com outros povos e outras culturas. É esse o ponto de partida que nos permite dedicar um número da Revista *Aletria* às reflexões construídas dentro do mundo hispânico.

Este exercício nos leva a pensar, necessariamente, na situação atual de nossos países, atingidos por uma crise do sistema que, ainda que previsível, nos encontra sem preparação, pois grande parte de nossas energias as utilizávamos em tentar obter vantagens e em desfrutar das benesses do próprio sistema. Por isso, pensamos que a crítica comparada hoje, mais que nunca deve pensar a literatura em diálogo com a história, a sociedade, o mundo que habitamos.

Numa sociedade na qual a maioria dos meios de comunicação atua como suporte ideológico e veicula o que os discursos hegemônicos desejam, fatos como os de participar

de práticas artísticas de resistência (zonas de micropolítica alternativa) ou os de elaborar contradiscursos críticos que se mostrem capazes de denunciar os silêncios históricos, que valorizam as possibilidades tanto da memória quanto do esquecimento, constitui uma porta de entrada para o espaço dialógico aberto entre a literatura e a sociedade. Isso, sem deixar de reconhecer que trabalhamos com uma linguagem já contaminada pelos discursos centrais e que talvez o único que poderemos fazer será criar murmúrios ou abrir pequenos vãos que quiçá possam chegar a ser focos performáticos de diversidade, democracia e humanismo num tempo em que esta última palavra está fora de moda.

Graciela Ravetti
Sara Rojo
UFMG/CNPq